

A ORALIDADE COMO FONTE, E A CIDADE COMO PALCO: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O FAZER HISTÓRICO

JOSÉ VALDENIR RABELO FILHO
primorabelo@bol.com.br / rabelo.filho@hotmail.com
Universidade Estadual Vale do Acaraú

Resumo: Nesta ocasião apresentamos uma discussão sobre o exercício do historiador junto às fontes históricas, onde por vezes destacamos a fonte oral como possibilidade que requalifica o lugar dos sujeitos históricos, o olhar do historiador sobre as relações sociais e de poderes, sobre as narrativas como expressões das experiências vividas, enraizadas no social e interferindo nele. Deste modo indicamos que a partir do trato desta fonte indicada, pretendemos pensar as muitas histórias e outras memórias sobre a cidade de Sobral-CE.

Palavras-chave: fontes históricas; produção do saber histórico; oralidade

Sommaire: A cette occasion, une discussion de l'Office de l'Historien à des sources historiques, qui mettent souvent l'accent les sources oralesque possible qui reclasse le lieu de sujets historiques, le regard de l'historien et les relations sociales de pouvoir, sur les récits comme des expressions de expériences, enracinée dans la vie sociale etinterfére avec lui. De ce fait indiqué que les voies de cette source a indiqué, nous avons l'intention d'examiner les nombreuses histoireset autres souvenirs de la ville de Sobral, CE.

Mots-clés: sources historiques, la production de la connaissance historique,l'oralité

Introdução

O ofício do historiador, enquanto exercício representativo que diz sobre um tempo pretérito no presente dimensiona-se a partir do diálogo que o mesmo estabelece com os vestígios que indicam as ações e experiências dos homens ao longo da história, os quais resguardam rastros¹ de sensibilidades e formas de dizer.

¹ O diálogo com Jeanne Marie Gagnebin, em **Lembrar escrever esquecer**, norteia a nossa discussão sobre a memória, nos ajudando bem a compreender que os “rastros” inscrevem as lembranças de uma presença de memória sempre ameaçada, que transita entre a presença e a ausência, o lembrar e o esquecer.

Nessa medida, apresento ao longo deste instrumento narrativo uma discussão sobre as fontes históricas, observando quais os caminhos trilhados pelo profissional da História na produção do saber histórico e suas apropriações documentais, evidenciando, por vezes, a formatação da *fonte oral* como possibilidade que ressignifica e requalifica espaços de atuação social, redescobrimo sujeitos, incorporando outras memórias, inserindo sentimentos de passado circunscritos numa memória do presente.

Deste modo, acredito ser válida uma breve discussão acerca do processo definidor da História enquanto ciência, haja vista que à arte de produzir o saber histórico no tempo presente são impostas, mesmo que implicitamente, algumas estratégias enrijecidas nas formas de elaboração das fontes, da escrita, do olhar sobre a atuação dos sujeitos, da percepção como estes mesmos sujeitos constroem, e significam os lugares e não-lugares. Ou seja, considero que ainda nesse instante estamos problematicamente orientados a uma *operação historiográfica* alicerçada, em grande medida, nos ideais do *Positivismo*, isso, pois por muitas vezes reafirmamos a fonte documental escrita “oficial” como vestígio fiel, capaz de nos dar respostas aos problemas históricos de forma objetiva e prática, como se este recurso documental pudesse ser tomado como uma representação que diz, em caráter de verdade, sobre um tempo outro que não o nosso, que não transporta no seu bojo enunciativo escolhas e sensibilidades, maquinações e agenciamentos.

Quando o campo de atuação do historiador é projetado no século XIX, a partir da definição de um método que qualifica à disciplina História um estatuto de cientificidade, ficam estabelecidas as estratégias para o exercício de historiar, delineia-se as sendas a serem percorridas para dizer sobre o que acontecera no passado, forja-se um campo de instrumentos e documentos sobre os quais deve se debruçar o historiador para dar dizibilidade ao acontecido, para dar visibilidade aos feitos e fatos importantes para as sociedades. Essa prática historiográfica, então, que passava a ser atribuída de astúcias investigativas, onde o profissional desta área do saber teria como exercício regular a decifra de documentos, trazia no seu bojo o pressuposto da objetividade, eminentemente alcançada a partir do não contato entre o tempo do historiador e o tempo sobre o qual trata esse mesmo profissional, deste modo assegurando, então, um suposto não envolvimento daquele profissional com o fato narrado, com o passado tornado

presente, com o presente enquanto tempo de partida, estação delimitadora de problemas e inquietudes. Ainda, como nos indica Durval Muniz de Albuquerque (2007, p. 62),

A História, a partir do século 19, instaurou-se como uma disciplina, pretensamente científica. Naquele século, as experiências históricas e o passado eram tomados como grau zero para o realismo, a realidade era mostrada e justificada pela História.

Deste modo, considero fundamental não perder de vista que muito embora se busque demarcar de forma precisa o seu campo de atuação, o *ofício* do historiador, esse dever, pelo menos a princípio, não se dá de forma autônoma, ficando evidente, por vezes, o intercâmbio com as *ciências naturais*, as quais pensam seus objetos a partir de um método que se encaminha por leis, que preza pela verdade científica.

Assim, por muito tempo, o fazer historiográfico esteve aportado neste campo de “verdade”, pensado como produção capaz de comprovar o fenômeno histórico a partir de leis e métodos preconcebidos, eximindo o historiador de uma responsabilidade que lhe é própria, haja vista que os usos do passado, a partir do presente, são eminentemente políticos, e, aquilo que o mesmo propõe através de uma narrativa, é tributário de seu tempo, significado ou tornado possível a partir das negociações articuladas no, e através do, seu lugar social.

Na esteira de Jorge Grespan (2008, p. 291-300), então, podemos visualizar que nesse instante de definição do estatuto da ciência História, “(...) o historiador deveria partir de documentos autênticos da época estudada, de cuja análise rigorosamente obteria informações verdadeiras sobre o acontecido (...)”².

A ânsia pela veracidade do acontecido, atingida a partir da aplicabilidade do método científico, que toma o documento como recurso de verdade, hoje sabemos, compromete e/ou anula a possibilidade do vir a ser histórico, tende a fomentar uma reflexão histórica filiada a um projeto de história e de memória onde são elevados os nomes e os feitos de personagens tidos como importantes, aqueles pertencentes a uma elite intelectual, econômica, política e religiosa, enfim, uma *história de heróis*, que

² As propostas levantadas por GRESPAN, Jorge. Considerações sobre o método. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008., nos ajuda a pensar criticamente o processo definidor da História enquanto disciplina, assim como, as limitações e os desafios então lançados.

tende ainda a tomar o curso da história de forma linear, etapista, factual, não marcada por embates e negociações, rupturas e continuidades definidas no campo das relações sociais entre os homens no tempo.³

Antes de prosseguirmos com a discussão, considero que alguns questionamentos precisam ser feitos: existe objetividade na fonte histórica? Ela é mesmo detentora da verdade? O que elas guardam para além daquilo que conseguimos observar? Como pensar as fontes históricas no presente?

Ao leitor, que espero não encerre as páginas ainda nesse instante, indico que o texto fora tecido em duas seções, que, todavia, não devem ser aqui encaradas como momentos estanques, mas sim, como um tempo para a tomada de fôlego, para a retirada da vista do texto, para o aguçamento das sensibilidades sobre o que haverá de encontrar em *Tempo e narrativa: deslocamentos historiográficos*, para os embates que certamente terá de estabelecer, frente às questões já apresentadas, em *Memórias narradas, histórias lembradas: experiências de um andarilho pela cidade*.

Àqueles que se aventurem em (re)fazer novos/outros caminhos a partir da prática leitora, sejam muito bem vindos!

Tempo e narrativa: deslocamentos historiográficos

Muito embora tenha disposto os questionamentos numa lógica que se insere no encaminhamento discursivo até o presente momento proposto, tomo a liberdade para apresentar uma narrativa que parte do último problema para o primeiro, para que assim possamos adentrar de forma mais precisa na discussão que no começo anunciei que evidenciaria.

Deste modo, considero que pensar as fontes históricas no presente, significa refletir sobre uma gama de indícios, símbolos representativos de escolhas, de olhares, de memórias e de experiências dos sujeitos históricos, elaborados no diálogo marcado por permissividades e conflitos. Ou seja, é válida a indicação de que a história, enquanto resultado de experiências cotidianas, é construída pelo homem e a este serve como

³ O diálogo com Marc Bloch, em **Apologia da História ou o ofício do historiador**, nos ajuda a pensar o objeto da História num campo de relativismos, ou seja, se faz importante refletir não sobre o homem, o passado, o tempo, mas sim, sobre os duelos possíveis travados pelos “homens no tempo”, acessando-os a partir dos rastros constituídos historicamente.

indício legitimador de suas ações e reações, de divergências e negociações, de anúncios e de silêncios. Destarte é que saliento que para além daquilo que é dito, existe, ou está implícito um não-dito, algo que acaba por ser silenciado e/ou negado. Ora, a forma com a qual dizemos, as estratégias do olhar, as astúcias da prática leitora, a arte do narrar, são exercícios delimitados pelas circunstâncias históricas na qual estamos inseridos: o que vemos, significamos e dizemos, está fundamentado na nossa experiência de vida, nos caminhos que trilhamos no cotidiano, nas relações sociais através das quais experimentamos o viver e o narrar, o lembrar e o esquecer, nas escolhas que tecemos de uma forma não menos histórica.

Assim, podemos observar que os documentos com os quais tratamos, neste ofício de produzir o conhecimento histórico, não são emblemas de verdades, mas sim, e essencialmente de escolhas, de renúncias, de valores, de sentimentos. Considero, então, que a fonte histórica não é um corpo objetivo, sobre o qual se debruça o historiador de ontem e de hoje e dela subtraem as mesmas respostas, sobre ela lidam com as mesmas estratégias. Muito pelo contrário!

As formas de ler, e as possibilidades de observar neste exercício de historiar, se metamorfoseiam, exigindo, nesta feita, a ressignificação das estratégias de apropriação e requalificação dos indícios, e mesmo a promoção da mutabilidade deste fragmento histórico, subjetivando os rastros de um tempo passado/presente. Conforme nos sugere René Rémond (2003, p. 13),

A História, cujo objeto precípua é observar as mudanças que afetam a sociedade, e que tem por missão propor explicações para elas, não escapa ela própria à mudança. Existe portanto uma história da história que carrega o rastro das transformações da sociedade e reflete as grandes oscilações do movimento das idéias. **É por isso que as gerações de historiadores que se sucedem não se parecem: o historiador é sempre de um tempo, aquele em que o acaso o fez nascer (...).** (*Grifos nossos*).

Frente a tais questões, consideramos que hoje, então, a fonte histórica ocupa um *status* distinto, tendo em vista ser a mesma não compreendida como índice de verdade, mas sim, e essencialmente como representação que diz sobre um tempo ausente, que suscita embates pelas formas com a qual diz, e sobre o que pretende fazer lembrar. Se anteriormente tinha-se a fonte documental escrita (oficial) como recurso

possível e *autêntico* para a produção do conhecimento histórico, hoje, o leque de possibilidades é diverso, o que permite a observância de muitas histórias e outras memórias através do cinema, dos discursos, da cidade, das artes do fazer cotidiano, da música, da escrita, da oralidade, do fazer político, dentre outras.

Não podemos deixar de mencionar a contribuição dos *Annales*, em suas diversas facetas, nesse processo de ampliação semântica da História, quando novos temas e outras abordagens passam a ser pensados à luz de uma “história-problema”, como então anunciava Lucien Febvre, indicando as sendas possíveis para o *métier* do historiador à luz de uma nova história, que se abria para o diálogo com outras disciplinas, e então permitia à História a protagonização científica em um cenário multidisciplinar.⁴

Ainda, se faz importante mencionar a profunda renovação historiográfica promovida por historiadores ingleses, reunidos em torno da *New Left Review*, dos quais E. P. Thompson é um de seus expoentes com *A formação da classe operária inglesa*, sugerindo uma (re)leitura das propostas de Karl Marx para a História, apresentando uma história social “*de baixo para cima*” (*history from below*), que atribui uma importância à *experiência* expressa nos processos de constituição da classe trabalhadora, conceito chave para a promoção da superação “(...) da contradição entre determinação e agência humana no interior da historiografia marxista”.⁵ Pensar a História a partir de uma preocupação com o presente, assim como, refletir sobre as tentativas de dominação de classe e os movimentos de resistências populares como molas propulsoras para o movimento histórico, assim como o reconhecimento dos elementos culturais, são algumas das contribuições dos historiadores próximos a Thompson, os quais contribuíram “(...) para o desenvolvimento da história enquanto política, entendida como compromisso com a vida e os desejos dos homens e mulheres reais”.⁶

⁴ Refletimos sobre a os *Annales* a partir da obra de BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia:** a Escola dos *Annales* (1929-1989). Trad. Nilo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

⁵ Sobre os movimentos sociais dos quais Thompson fez parte, deles constituindo problemas conceituais e históricos, ver: E. P. Thompson. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2001. p. 43.

⁶ *Ibidem*, p. 45.

Nesse processo de renovação epistemológica no campo da História, se faz oportuno ainda mencionar os deslocamentos conceituais que incitam o estabelecimento de novas possibilidades metodológicas, que desviam o olhar do historiador das hierarquias para as relações, das posições para as representações, fazendo-o buscar compreender como determinada realidade social é construída, pensada, significada simbolicamente, dada a ler como um texto.

Muito mais eclética, então, a *Nova História Cultural* redefine os territórios possíveis de serem ocupados/praticados pelo historiador na produção de seu ofício, fundamentado numa nova abordagem das linguagens que simbolicamente representam contextos históricos e dos significados que os agentes sociais lhes dão. O texto, como bem nos ajuda a pensar Antoine Prost, “(...) interessará menos pelo que eles dizem do que pela maneira como o dizem, pelos termos que utilizam, pelos campos semânticos que traçam”.⁷ Deste modo,

O que, com efeito, muda [com as propostas da História Cultural] é menos o objecto de estudo – o historiador sempre trabalhou e trabalhará ainda durante muito tempo sobre os textos, mesmo apelando a outras fontes – que o ângulo sob o qual ele é considerado.⁸

Aquelas fontes, então, dadas as contribuições indicadas, as quais se complementam numa simbiose dialética, são tomadas, no exercício do historiador contemporâneo, como vestígios permissionários, indícios que fomentam a observância da atuação vivaz de memórias que trafegam por vias “subterrâneas”, como bem nos lembra Michael Pollak (1989) em *Memória, Esquecimento, Silêncio*.

Assim, é válida a discussão acerca da fonte oral, não-escrita, a qual veio a ser constituída a partir da aplicabilidade da História Oral enquanto metodologia para o estudo da história dos “homens-comuns”, não-heróis. Neste sentido, é apropriado ressaltar que a utilização desta fonte histórica no universo acadêmico contemporâneo, tem gerado diversos embates, suscitado reflexões, e fomentado debates principalmente por que a mesma é questionada por sua subjetividade, pela sua suposta falta de

⁷ Sobre os diálogos, objetos e métodos da História Cultural, ver: PROST, Antoine. Social e Cultural indissociavelmente. In: RIOUX, Jean-Pierre Rioux; SIRINELLI, Jean-François. (Org.). **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. pp. 123-137

⁸ Ibidem, p. 130.

autenticidade, de prestígio talvez. Embates nas formas do saber fazer; estratégias demarcadoras do fazer lembrar; artes do narrar! Lutas por lugares através do saber-poder!

Memórias narradas, histórias lembradas: experiências de um andarilho pela cidade.

Surgida em meados do século XX, a História Oral tem permitido a requalificação dos espaços sociais, dos sujeitos históricos, haja vista ter privilegiado a experiência de outros personagens que não aqueles recorrentes nas propostas discursivas de história e de memória. Histórias do cotidiano, outras formas de narrar, outras percepções acerca das transformações históricas, outras estratégias do lembrar, são ganhos simbólicos ao saber-fazer-produzir historiográfico.

De acordo com Verena Alberti (2008, p. 157-158), em *Fontes orais: história dentro da História*, a História oral insere-se

Opondo-se à História positivista do século XIX, [tornando-se] a contra-História, a História do local e do comunitário (em oposição à chamada História da nação). Por trás desse movimento, estava a crença de que era possível reconciliar o saber com o povo e se voltar para a História dos humildes, dos primitivos, dos “sem História” (em oposição à História da civilização e do progresso que, na verdade, acabava sendo a História das elites e dos vencedores).

Muito embora oportunize esses ganhos, é válido lembrar que muitas vezes os praticantes desta metodologia, ambicionam verdades na fala e nos gestos de seus depoentes, não se apoderando de uma estratégia problematizadora e crítica acerca da fonte que ele, enquanto profissional da História, constrói a partir do contato com os possíveis atores de sua narrativa histórica. Na esteira de Paul Ricoeur (2007, p. 189), compreendemos que

Para o historiador, o documento não está simplesmente dado, (...). Ele é procurado e encontrado. Bem mais do que isso, ele é circunscrito, e nesse sentido constituído, instituído documento, pelo questionamento. (...). Torna-se assim documento tudo o que pode ser interrogado por um historiador com a idéia de nele encontrar uma informação sobre o passado. (...). A mesma caracterização do documento pela interrogação que aí se aplica vale para uma categoria de testemunhos não-escritos, os testemunhos orais gravados, (...). Seu papel é considerável no conflito entre a memória dos sobreviventes e a história já escrita. Ora, esses testemunhos orais só se constituem em

documentos depois de gravados; eles deixam então a esfera oral para entrar na da escrita, (...).

Deste modo, pensar a fonte oral requer cuidados especiais, haja vista que o processo de reelaboração, de ressignificação da memória se dá numa constância dinâmica, pois é permeada pelas circunstâncias históricas do tempo que foi (passado) e do tempo que é (presente). Ou seja, os narradores, interpelados no presente sobre um passado ausente em matéria, vivificado nas lembranças, na arte de narrar, tecem, não obedecendo à linearidade do acontecido, uma “colcha de retalhos” a partir dos fragmentos de lembranças (re) ativados no instante mesmo em que são interpelados e narram suas experiências, seus percursos demarcados no tempo e no espaço.

É interessante observar, nesse exercício de formatação da fonte oral, dinamizado no contato (diálogo) com o outro, o tempo do narrador e o tempo sobre o qual trata esse mesmo personagem, pois muitas vezes o tempo narrado se confunde com o tempo do locutor da narrativa, ou seja, o ato de lembrar o acontecido é elaborado a partir das circunstâncias do acontecido e do acontecendo, das conjunturas do diálogo, das peculiaridades do fazer lembrar.

Quando iniciei, no ano de 2006, uma pesquisa sobre a história da cidade de Sobral⁹ no período da ditadura civil-militar de 1964, me aproximei de Francisco das Chagas Sabóia, senhor de 54 anos, professor de matemática, e funcionário da Universidade Estadual Vale do Acaraú que àquele instante atuava no *Núcleo de Estudos e Documentação de História Regional* (NEDHIR), local onde passei várias tardes em busca de vestígios sobre o tempo e o objeto histórico acerca dos quais eu me propunha a pensar.

A princípio, nossos diálogos eram travados na informalidade – sem a utilização do gravador – no instante em que dávamos uma pausa para o café da tarde, e nesse instante conversávamos sobre futebol, sobre a Universidade, sobre a política local, sobre as nossas relações cotidianas, sobre as formas como significávamos a partir dos relatos de memória o passado e o presente. É bem verdade que eu, nessas ocasiões, escutava

⁹ Sobral é considerada uma *cidade média* no sertão cearense, lugar para onde convergem, e por onde transitam mercadorias e culturas diversas, conduzidas ao longo da primeira metade do século XX pela ferrovia que interligava o litoral e o sertão a partir, principalmente, da cidade portuária de Camocim, e, na virada da primeira para a segunda metade, articulada essencialmente pela malha viária.

bem mais do que falava – *aprendendo mais um pouquinho*¹⁰ – pois as estratégias de narração do Sabóia prendiam minha atenção, principalmente quando a conversa se encaminhava para a história local, quando o mesmo fazia referências sobre as relações políticas dinamizadas na cidade, quando relatava algumas experiências de sua juventude, quando mencionava os conflitos tramados “nestas bandas do sertão”. O interessante é que em alguns momentos de sua narrativa uma ponte facilmente perceptível entre passado e presente, se inclinava, sua retórica era permeada por tempos diversos, me incitando a pensar silenciosamente sobre a credibilidade de seus relatos, reação logo deixada de lado, pois o ouvir parecia ser um ato muito mais prazeroso.

Experimentava suas lembranças e nessa medida começava a tecer relações com as minhas leituras documentais, até que um dia, depois de lhe ouvir falar que “Hoje os estudantes têm tudo nas mãos, podem falar, têm liberdade de imprensa, e não sabem como utilizar isso. No meu tempo não era assim, a gente queria falar e não podia, a gente era massacrado”¹¹, lhe fiz uma pergunta que hoje parece ser muito simples, mas que naquele instante foi a chave para nos aproximarmos enquanto pesquisador e “homem comum”: “Como assim no seu tempo Sabóia? De que tempo você fala?”.

Não quero aqui estabelecer lugares estáticos entre eu e ele, mas sim pontuar que os nossos tempos (o meu e o do Sabóia) se encontraram, o que possibilitou que sua história fosse contada, oportunizando, nesta medida que ele deixasse de ser um “sem História”, como nos lembra Alberti, ou, como nos fala Michel Pollak, que sua memória deixasse de trafegar por vias “subterrâneas”.

A partir daí, nossas conversas se repetiram mais vezes, só que agora o caráter de nosso diálogo era formal – solicitara um horário de seu dia para conversarmos sobre a história da cidade de Sobral, sobre suas experiências nessas “bandas do sertão”, e, a partir desse instante passara a portar comigo um gravador para registrar seus relatos, constituindo a fonte oral nesse exercício. Sabóia passava, então, a ser interlocutor de um

¹⁰ Fazemos referências aqui ao trabalho de PORTELLI, Alessandro. “*O momento da minha vida*”: *funções do tempo na história oral*., o qual nos ajuda a compreender as negociações possíveis e necessárias de serem estabelecidas quando da promoção de entrevistas, do trabalho do historiador com a História Oral, quando o mesmo constitui um espaço permissivo aonde atores sociais anônimos encontram espaço para dizerem sobre suas histórias de vida.

¹¹ SABÓIA, Francisco das Chagas: Depoimento [Nov. de 2006]. Entrevistadores: RABELO FILHO, J. V., 2006. Fita cassete (120 min).

tempo em que eu não tinha vivido, mas que buscava conhecer a partir da pesquisa histórica.

O interessante, e naquele instante em que iniciava o trabalho de pesquisa, numa Universidade também situada nas “bandas” de um sertão cearense, não conseguia observar, é que eu queria saber sobre a história da Cidade, e era ela que eu buscava na fala do Sabóia, não me dando conta, por vezes, de que a história da Sobral estava imbricada à sua própria história de vida. Ou seja, perguntava sobre a cidade, e esse objeto aparecia permeado, contido nas suas experiências de vida, nos seus percursos, o que, nos permite verificar, como bem nos ajuda a pensar Michel de Certeau (1998, p. 200) que “Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço”. Ainda, conforme o mesmo autor é pertinente não perder de vista que

Essas aventuras narradas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um ‘suplemento’ aos enunciados pedestres e às retóricas caminhatórias. Não se contentam em deslocá-los e transpô-los para o campo da linguagem. De fato, organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés a executam.¹²

Sabóia, enquanto narrava seus percursos pela Cidade, parecia flunar novamente num tempo passado, me deixando ver muitas cidades no interior da mesma Sobral, pois, a partir de sua retórica eu visualizava uma cidade significada por jovens como ele que atuavam no movimento estudantil secundarista contra a ditadura civil-militar, visualizava, a partir de suas lembranças uma cidade aristocrática e católica situada no sertão nordestino, mas, em contrapartida conseguia observar a existência de bairros pobres e prostíbulos atuando preferencialmente nesses, freqüentados, contudo, por aqueles senhores tidos como importantes, ou, como queiram, pela elite político-econômica e religiosa local. Visualizava ainda, os embates políticos tramados na cidade, o que me permitia considerar as proximidades ideológicas do poder municipal com o regime ditatorial articulado a nível nacional.

O narrador artesanalmente fiava a partir dos rastros da memória uma rede de práticas, vontades, cheiros, sabores, odores, (res)sentimento, pertencimento, ausência,

¹² Aqui, o trabalho de CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3º Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998., em especial as *Práticas de Espaço*, em muito nos ajuda a pensar uma cidade *transumante*, que se insinua e é também tornada possível a partir de seus praticantes ordinários que a escrevem como um texto, materializado “(...) *ao rés do chão, com passos*”, através de suas operações enunciatórias que (re)criam um teatro de ações e sensibilidades, aquilo que se pode fabricar e/ou fazer.

possibilidade, um texto polissêmico, metafórico, eufórico, cuidadoso, promotor de descentramentos, mas ainda assim legível, possível de ser lido, interpretado como uma experiência razoável. Suas lembranças me faziam repensar o meu problema histórico, as minhas leituras, me faziam observar outras veredas possíveis para a construção do conhecimento histórico, me sensibilizavam de forma distinta, e tais questões me levavam a repensar as artimanhas metodológicas para o estudo da cidade.

A cidade de pedra e cal, aos poucos entrava em ruínas, desmoronava, e me conduzia por caminhos desconhecidos, arriscados. Ou seja, aquela cidade, à medida que se “*desmanchava no ar*”, dava espaço a outras muitas cidades cartografadas num material fluido, tornado possível a partir do acesso aos becos e avenidas do mapa labiríntico da memória, habitados através do ato de narrativizar, de lembrar esquecendo, de esquecer querendo lembrar, de lembrar querendo não mais esquecer, e guardar, num constante jogo de negociação e (re)conciliação com o presente para tornar possível um passado ausente, para tornar dizível uma experiência do possível.

Tais questões nos aproximam de Sandra Jatahy Pesavento (2007, p. 14), quando a mesma nos apresenta que,

A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo *viver urbano* e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia.

Essa dimensão da sensibilidade, para efeitos de uma história cultural do urbano, viabiliza o acesso às muitas cidades fruto do pensamento, cidades sensíveis, (in)visíveis, imaginadas, poetizadas por diversos atores sociais, significadas simbolicamente pelas práticas do espaço, as quais potencializam a elaboração de memórias e laços de afetividade, ou, como bem nos ajuda a pensar Ítalo Calvino (1990, p. 14) em célebre obra, “(...) A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata” ganhando feições distintas, granjeando uma estética caleidoscópica.

Nesse ponto consideramos pertinente citar algumas reflexões indicadas pelo filósofo francês Paul Ricoeur (2007, p. 159), uma vez que o mesmo nos ajuda a compreender que

Uma cidade confronta no mesmo espaço épocas diferentes, oferecendo ao olhar uma história sedimentada dos gostos e das formas culturais. A cidade se dá ao mesmo tempo a ver e a ler. O tempo narrado e o espaço habitado estão nela mais estreitamente associados do que no edifício isolado. A cidade também suscita paixões mais complexas que as casas, na medida em que oferece um espaço de deslocamento, de aproximação e de distanciamento. É possível ali sentir-se extraviado, errante, perdido, [produtor de trajetórias indeterminadas, de uma narratividade tornada possível a partir das trajetórias assumidas, criadas, praticadas, desviadas].

Buscar compreender essa cidade cujo texto é um eterno devir e uma ausência de ser, me fazia desvendar a potencialidade do fazer historiográfico com a memória oralizada, narrativizada, dada a ler, e isso me excitava sobremaneira, principalmente, pois me oportunizava a observância de questões que eu não encontrava nos documentos escritos (jornal *Correio da Semana*) com os quais estava tratando, ou que talvez, até aquele instante a minha sensibilidade não me permitia observar.

É válido frisar que consideramos o semanário *Correio da Semana*, como um mecanismo enunciativo que abstrai da dinâmica social cidadina o que pode e/ou deve ser noticiado, aquilo que ao ser mostrado como representação da vida cotidiana em sua dimensão dialogal, harmoniza-se com o projeto de história e cidade que se quer inventar.¹³ Ou seja, tenho a impressão que, pelo menos nos primeiros passos da pesquisa, quando do trato desses rastros documentais, esperava eu que aquele *corpus* respondesse às minhas perguntas de pronto, que objetivamente indicasse propostas resolutivas para o meu problema histórico. É, era assim que eu a princípio pensava, creio hoje que por conta de uma tradição há muito construída, que, como situamos no início do trabalho, nos orientou a pensar a história de forma linear, etapista, factual, não marcada por embates e negociações, rupturas e continuidades, e que, para além destas

¹³ Sobre tais questões ler RABELO FILHO, J. V. **Uma Sobral, muitas cidades**: apresentando tensões, e decifrando silêncios (1958-1966). Monografia. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2009, em especial as *Ponderações teóricas sobre o Correio da Semana: entre o dizer e o calar*, quando fazemos uma abordagem sobre as possibilidades de apropriação documental de periódicos para a pesquisa histórica.

propostas simbólicas nos orientou a tratar as fontes com uma vontade de verdade desmedida.

Mas, como fizemos menção anteriormente, quando trouxemos para o diálogo René Rémond, o *historiador é sempre de um tempo*, um tempo que é metamorfoseado numa constante dialética que circunstancia a leitura e problematização, a prática escriturária. Ou seja, muda o tempo, mudam as formas de perquirição do passado, muda-se a forma de narrar, de inventar¹⁴ a história, e essas potencialidades elaboradas com o tempo, é preciso que se observe, também estão presentes nas siluetas da oralidade. Portanto, acreditamos que “O conhecimento histórico é perspectivista, pois ele também é histórico e o lugar ocupado pelo historiador também se altera ao longo do tempo”.¹⁵

Assim é que percebemos que as imagens sobre um tempo passado relatadas por Sabóia assumiam peculiaridades inquietantes, pois, as formas como ele então contava – com a utilização de um gravador – eram diferenciadas daquelas apresentadas anteriormente, quando nossas conversas se davam naqueles instantes em que parávamos de fazer nossas atividades – eu de pesquisar nos jornais e ele de catalogar outros documentos do arquivo – para tomarmos um curto café no meio da tarde. Mais uma vez eu me colocava a perguntar-me sobre a legitimidade de seu discurso.

Como poderia ele me relatar sobre diferenciadas formas o mesmo acontecimento? As imagens de um tempo outro que ele houvera me mostrado eram falsas? E essas novas, seriam elas verídicas? Sobre quais imagens de cidade relatadas deveria eu me acercar para pensar o meu problema histórico?

Numa determinada tarde, no caminho para o arquivo, pedalando sob um sol escaldante, aonde encontraria aquele *corpus* documental escrito e mesmo o não-escrito, conjecturei que a objetividade das fontes históricas estava nas formas como nós nos

¹⁴ Consideramos muito pertinente o diálogo com ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. *História: a arte de inventar o passado* (2007, p. 62-63), quando o mesmo nos apresenta que “*O historiador conta uma história, narra; apenas não inventando os dados de sua história. Consultando arquivos, compila uma série de textos, leituras e imagens deixadas pelas gerações passadas, que, no entanto, são reescritos e revistos a partir dos problemas do presente e de novos pressupostos, o que termina transformando tais documentos em monumentos esculpidos pelo próprio historiador, ou seja, o dado não é dado, mas recriado pelo especialista em História*”.

¹⁵ *Ibidem*. p. 61.

apropriamos do vestígio, ou seja, as fontes históricas guardam sua subjetividade e somos nós historiadores que a desnudamos, pois somos nós que escolhemos isso e não aquilo, observamos as práticas cotidianas do personagem cidadão e não as estruturas físicas da cidade evidenciadas no mesmo documento, desnaturalizamos, então, esses fragmentos indicadores das ações dos homens no tempo. Pensar sobre a objetividade ou mesmo a veracidade do relato de Sabóia significava uma inquietude, logo resolvida da seguinte forma: relataria o documento escrito aquilo que realmente acontecera? E o que o documento escrito, aquele que eu pesquisava/tateava cotidianamente no arquivo, não dizia, não teria existido?

Frente a tais inquietudes atentei para a necessidade de promover alguns deslocamentos e considerar que o ofício do historiador é também um exercício inventivo tramado a partir da suposição, da criação de possibilidades conjecturais, e que os sinais que o mesmo consegue subtrair do documento são simbólicos de sua percepção àquele instante, de sua sensibilidade presente. Ou seja, o relato do Sabóia mudava rotineiramente, assim como mudava a minha leitura sobre os documentos escritos com os quais eu trabalhava. Ele, a partir do exercício de narrar, como bem disse anteriormente, parecia transitar novamente por aquele tempo narrado, e, nesse sentido, esse trânsito parecia-me oportunizar outras experiências, no sentido de que a cada instante em que esbarrava com um sinal do acontecido, esse vestígio-me conduzia a outras veredas desse objeto labiríntico da memória, assim fomentando outras formas de lembrar e de narrar, de sentir e de dizer, de ressignificar o passado a partir das circunstâncias do presente, de metamorfosear esse presente a partir das apropriações daquele passado¹⁶. Os rastros, como bem nos ajuda a refletir Jeanne Marie Gagnebin, me ajudava a inscrever a lembrança de uma presença que não mais existia e que sempre corria o risco de se apagar de forma definitiva, pois ao longo de sua narrativa, a tensão entre a presença e a ausência, atuava como circunstância do lembrar.¹⁷

¹⁶ Pensar o *passado* como *ficção do presente*, narratividade tornada possível a partir das circunstâncias históricas do tempo que é, torna-se possível a partir do diálogo que estabelecemos com Michel de Certeau em **A Escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

¹⁷ GAGNABIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. In: **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

Então, na esteira de Portelli (2004, p. 299) “Enquanto o entendimento e a amizade aumentam, os detalhes que no começo foram reprimidos [não lembrados, foram então] revelados”. E sobre essa peculiaridade da narrativa oral, eu busquei me assegurar para dar legitimidade à fala do Sabóia e de outros tantos personagens com os quais compartilhei experiências nesse trabalho com a História Oral, pois se fazia preciso acreditar, não enquanto verdade, mas sim, enquanto possibilidade de memória sobre um passado, sobre um tempo ausente. Deste modo, acredito ainda ser muito pertinente referendar Jeanne Marie Gagnebin, quando a mesma ressalta uma tarefa essencial no exercício de historiar, a qual seria, “(...) transmitir o inenarrável, manter viva a memória dos sem-nome, ser fiel aos mortos (...). Trabalho de luto que nos deve ajudar, nós, os vivos, a nos lembrarmos dos mortos para melhor viver hoje”.

Considerações finais

Enfim, o Sabóia, que não se encontra mais conosco, conseguiu dizer sobre sua história de vida, pois, como bem nos ajuda a pensar Portelli, nossos tempos se encontraram. Talvez tenhamos ressignificado o seu lugar, pois conseguimos constituir um cenário aonde ele atuou como sujeito da história, de sua história, de uma memória histórica individual, mas coletivizada, compartilhada por outros sujeitos, significada em outros espaços. Suas lembranças me ajudaram a recompor o meu objeto de pesquisa, o meu problema histórico, as minhas impressões sobre um presente e um passado em movimento, significados e poetizados de diversas formas, apropriado de forma distinta.

Deste modo, sugerimos que historiar é a arte do narrar, simbolizando esta ação uma preocupação com o método científico que habilita este ato de contar e de guardar nas memórias, de dizer e de fazer lembrar. Fazer lembrar e guardar em papel e tinta insere-se como atividade precípua ao ofício do historiador do presente, o qual reflete sobre seu tempo, sobre um tempo outro, sobre a História enquanto movimento, enquanto construção balizada por conflitos, por silêncios, negações e atos de dizer, de fazer/querer lembrar.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. Fontes orais: história dentro da História PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de Teoria da História. Bauru, SP: Edusc, 2007.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7º ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v. 1).

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos *Annales* (1929-1989)**. Trad. Nilo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. A palavra escrita e a não escrita. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.) **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3º Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

E. P. Thompson. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONÇALVES, Regina Célia. A história e o oceano da memória: algumas reflexões. In: **Saeculum**, Revista de História. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, jan./dez./1998/1999.

GRESPLAN, Jorge. Considerações sobre o método. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. pp. 291-300.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. A cidade simbólica: inscrições no tempo e no espaço. In: **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXXII, n. 1, p. 143-155, junho de 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias”, in: **Revista Brasileira de História**, v.27, número 53, jan-jun-2007, p.11-23.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. Historiografia positivista e Positivismo comtiano: origem e desvirtuamento de uma relação teórica. In: GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; LEAL, Elisabete. (Orgs.) **Revisitando o Positivismo**. Canoas: La Salle, 1998. p. 31-46.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. In: FENELON; D. R. MACIEL, L. A.. ALMEIDA, P. R. de. KHOURY, Y. A.. (Orgs.). **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho D’água, maio/2004.

_____. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.) **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

RABELO FILHO, J. V. **Uma Sobral, muitas cidades**: apresentando tensões, e decifrando silêncios (1958-1966). Monografia. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2009.

RÉMOND, Réne. Uma História Presente. In: **Por uma História Política**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RIOUX, Jean-Pierre Rioux; SIRINELLI, Jean-François. (Org.). **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.